
Reflexões sobre o caráter libertador da pedagogia de Paulo Freire na obra “Conscientização”

Israel Ramos Moreira

Instituto Federal do Triângulo Mineiro

israelmoreira@yahoo.com.br

O livro *Conscientização - teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, publicado em 1979, além de contar com uma apresentação escrita por S. M. Cecílio de Lora (Diretor da Associação de Publicações Educativas) e um prólogo assinado pela Equipe INODEP (*Instituto Oecuménique au Service du Développement des Peuples*), está dividido nas partes: O Homem e Sua Experiência (primeira), Alfabetização e Conscientização (segunda) e Práxis da Libertação (terceira).

A primeira parte traz uma breve autobiografia na qual o autor conta um pouco sobre: a infância, a família, a vida adulta e o caminho profissional, destacando as experiências que o levaram a desenvolver os estudos relacionados à educação popular, até a interrupção dos seus trabalhos, motivada pelo golpe de Estado, em 1964, ano em que foi preso e exilado, pois os conservadores da época consideraram sua pedagogia perigosa e subversiva. Em seguida, Freire apresenta a contextualização das experiências do Movimento de Educação Popular - MEP (Contexto Histórico da Experiência), inicialmente no Brasil e, depois, no Chile.

Em nosso país, o Movimento teve início em, 1962, no Nordeste, região que, na época, possuía 15 milhões de analfabetos, em um total de 25 milhões de pessoas. Nessa experiência, 300 trabalhadores foram alfabetizados, em 45 dias, e o autor destaca que tal fato impressionou a opinião pública. Houve, então, interesse do Governo Federal em apoiar a aplicação do método, em

todo o país. Desse modo, entre junho de 1963 e março de 1964, foram realizados cursos de formação de coordenadores, na maioria das capitais. Devido ao seu sucesso na alfabetização dos mais pobres, o MEP teria forte influência nas eleições, afirma Paulo Freire. Por isso, os setores mais conservadores da sociedade temiam que um aumento da participação popular, por meio do voto, transformasse as relações de poder. O pedagogo cita, como exemplo, as eleições de 1962, em Pernambuco, quando o líder popular Miguel Arraes recebeu muitos votos das massas urbanas alfabetizadas de Recife, mas foi derrotado no interior do estado. Além disso, a ampliação do Movimento permitiria, já em 1964, aumentar o número de votantes, em várias regiões. No entanto, o escritor ressalta que não basta transformar o analfabeto em eleitor: é necessário que este forme um juízo crítico e tenha possibilidade de escolher o próprio caminho, pois a educação estaria a serviço da liberdade. Havia, também, o interesse de políticos populistas na alfabetização, mas viam, nas massas, apenas a chance de ampliação dos seus votos.

De acordo com o autor, em 1965, quando se encontrava no Chile, foi criado o Escritório de Planejamento para a Educação de Adultos, sob responsabilidade de Waldoms Cortês, que havia se interessado por suas ideias. O método foi usado em todos os programas oficiais de alfabetização, no entanto, houve problemas em torná-lo aceito no país, já que havia sido considerado subversivo no Brasil. Freire esclarece que o Chile iniciara um projeto de reforma agrária no qual, juntamente como as políticas de ajuda técnica e econômica aos pequenos fazendeiros, veio o programa de alfabetização inspirado em sua metodologia e, em consequência disso, após dois anos, foi considerado, pela UNESCO, uma das cinco nações que melhor superaram o analfabetismo. Consideramos válido ressaltar que, embora esse fato histórico não conste na obra estudada, após esse período de desenvolvimento de políticas de transformação social por via democrática, o Estado chileno também foi vítima de um golpe de Estado, em 1973.

A segunda parte está subdividida em: Filosofia e Problemática (Visão de mundo e Ideias-Força); Processo Metodológico (Método, Fases de Elaboração e Aplicação do Método, Os Atos Concretos da Alfabetização, Da Leitura à Escrita, Aplicação). Na seção Filosofia e Problemática, o autor esclarece que

não foi o criador do termo conscientização, mas considera a profundidade de seu significado, na educação, e explica o significado desse conceito, partindo da relação que o homem estabelece com a realidade, a práxis humana. Desse modo, ele diz que a aproximação espontânea do homem com o mundo é ingênua e a conscientização ocorre a partir do momento em que ele se torna crítico e é capaz de desvelar a realidade, assumindo o papel de sujeito que faz e refaz esse mundo. Prosseguindo, Paulo afirma que o processo de conscientização nos convida a assumir uma posição utópica frente ao mundo, tornando-nos anunciadores de uma nova estrutura social humanizante. A conscientização, como tomada da realidade, produz uma desmitologização, por isso o opressor jamais poderá provocá-la para a libertação, pois ele mesmo age para mistificar a realidade na qual se dá à captação do oprimido. Assim, para Freire, conscientização é o olhar mais crítico possível em relação à realidade, para conhecer os mitos que mantêm a estrutura dominante. Em sua concepção, os homens tomam posições contraditórias, pois alguns trabalham na manutenção das estruturas e outros na sua mudança. Nesse sentido, as situações-limite são aquelas que demonstram essa contradição, pois nelas há o beneficiado e o domesticado e os beneficiados tendem a atuar para manter o *status quo*. Paulo Freire considera, assim, necessário transcender essas situações-limite nas quais os homens são reduzidos ao estado de coisas. Na sequência, entendemos que o processo de desvendar a realidade é chamado, pelo autor, de descodificação e seu método consiste na utilização de uma fotografia, ou desenho, que represente uma situação real. Ele explica que essa descodificação seria a operação pela qual os sujeitos analisam a situação apresentada pelo educador e percebem, nela, as relações que, antes, não eram percebidas. Por conseguinte, os alunos analisam aspectos da sua própria experiência existencial representada na codificação. Nesse processo, o grupo de alunos expressa temas geradores, que são as suas percepções diante da realidade analisada. No entanto, pode haver apenas o silêncio, o que sugeriria uma relação de mutismo diante das situações-limite.

Ainda nessa parte, o escritor nos apresenta seis Ideias-Força sobre a prática educativa, que seriam princípios norteadores para a educação como conscientização. A primeira trata da necessidade de se entender o sujeito

educando como um ser concreto situado no tempo e no espaço, ou seja, ele está inserido em um determinado contexto real sócio histórico. A segunda ideia diz que, quanto mais o homem reflete, criticando inclusive sua rotina e seus atos inconscientes, mais se torna capaz de transformar a realidade. A terceira afirma que, por meio da reflexão e da conscientização, o homem se torna sujeito. Na quarta, fica claro que o homem, no seu contexto de vida, estabelece relações com outros homens, busca soluções para os seus desafios, transforma a realidade e incorpora essas experiências no seu próprio ser, produzindo cultura. A quinta Ideia-Força nos diz que, em cada época, existem temas e valores que representam as necessidades daquele momento histórico, e que, quando o homem capta esses temas, torna-se sujeito e percebe-se como construtor da história. Na sexta ideia, a educação deve transformar o homem em sujeito, ação que requer uma profunda mudança nos métodos tradicionais de ensino.

Em Processo Metodológico, Paulo Freire explica o seu método de alfabetização e inicia dizendo que buscava contrapor os processos puramente mecânicos, pois pensava a alfabetização como um ato também de criação. A seguir, descreve as fases de elaboração e de aplicação do método, pontuando: *primeira fase* - busca por palavras geradoras que, ditas pelos próprios educandos, expressam a sua linguagem popular e estão ligadas às suas experiências; *segunda fase* - escolha de algumas palavras seguindo critérios (riqueza silábica, dificuldade fonética, conteúdo prático da palavra); *terceira fase* - criação de situações que possibilitem a discussão e a análise de problemas regionais e nacionais: uma palavra geradora pode englobar a situação completa, ou somente um de seus elementos; *quarta fase* - elaboração de fichas indicadoras que ajudam os coordenadores, no debate de trabalho, e *quinta fase* - elaboração de fichas nas quais aparecem as famílias fonéticas correspondentes às palavras geradoras. Na visão do educador, a partir da primeira palavra geradora, cria-se a situação e inicia-se o debate por meio da descodificação. O aluno, então, visualiza a palavra e estabelece o laço semântico entre ela e o objeto a que se refere. Depois, essa palavra é apresentada separada em sílabas e passa-se à visualização das famílias silábicas que a compõem. De acordo com o autor, o analfabeto começa, desse modo, a estabelecer, por si mesmo, seu sistema de sinais gráficos, e, após os

exercícios orais, ele passa à escrita, desde o primeiro dia. Ressaltando o que diz Freire, seu método se estendeu por meio do Programa Nacional de Alfabetização, do Ministério da Educação e Cultura, mas desapareceu após o golpe militar. Nesse período, ele havia começado a preparar um material por meio do qual os alunos discutiam as situações-desafios, desde a simples propaganda comercial até a propaganda ideológica, preparando-se, assim, para perceberem os mesmos enganos na propaganda política.

Na parte Aplicação do Método, seu criador diz que a liberdade é o que dá sentido à educação, por isso os educandos devem agir de maneira livre e crítica. Seguindo esse princípio, foram organizados os Círculos de Cultura, unidades de ensino, onde a tarefa do educador é dialogar e que substituem a escola tradicional. Considerando as experiências vividas nesses espaços, relatadas por Freire, confirma-se que, no curso, busca-se a intervenção do povo na elaboração do programa e que o aprendizado deve estar associado à conscientização de uma situação real experimentada pelo aluno. Nesse processo, são citados até alguns elementos essenciais ao homem, por meio da tomada de consciência: da existência da natureza e da cultura; do seu papel ativo; do desempenho da mediação; da cultura como: resultado de seu trabalho, aquisição sistemática da experiência humana e incorporação crítica e criadora; da democratização da cultura; da aprendizagem da leitura e da escrita, para sua introdução no mundo da comunicação escrita, e das suas ações como sujeito. Para ilustrar essa tomada de consciência, segundo os elementos essenciais citados acima, onze situações existenciais que conduzem às descobertas são apresentadas e confirmam que, nesse processo, alfabetização e conscientização ocorrem simultaneamente. É o momento no qual, o autor narra o desenvolvimento de ações como, por exemplo, as de um Círculo de Cultura: o coordenador do grupo orienta a discussão sobre o sentido da palavra *casa*, apresentando temas como a necessidade de um abrigo confortável e o problema da habitação, relativo à urbanização, em diferentes lugares. Confirma-se, com a leitura desse trecho, que Paulo Freire considera que as experiências com os debates, nesses espaços, revelaram-se como um meio bem poderoso e eficaz de conscientização.

A terceira parte do livro, Práxis da Libertação, está dividida em: *Três palavras chaves* e *Linhas de ação* e, das três palavras-chaves, a primeira é

'opressão'. Freire afirma que os oprimidos, por estarem imersos na realidade dominada pela força, não têm uma concepção clara de si mesmos; tendem a se transformar em opressores, pois esse é o modelo de humanidade que conhecem; tentam se parecer com o tirano e demonstram desprezo por si mesmos, devido à interiorização da opinião desses opressores sobre eles. Essa contradição, segundo o autor, será resolvida somente pela aparição de um homem em fase de libertação, que não seja nem o opressor e nem o oprimido. A segunda palavra é 'dependência' e, nessa parte da obra, são apresentadas as relações estabelecidas entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos, nas quais o autor destaca que as sociedades podem sofrer transformações econômicas, cujas diferenças estão ligadas à posição do polo de decisão: se está no interior dessa sociedade, corresponde a desenvolvimento; por outro lado, se estiver fora dela, a ideia é de modernização. Nesse sentido, essa modernização é um processo de dependência e cabe aos países atrasados superarem essa condição, pois ser silencioso, em tal contexto, significa seguir as prescrições daqueles que impõem a sua voz. A partir da ideia de dependência, o escritor trata do caso específico da América Latina, afirmando que a cultura do silêncio nasce da relação dos países subdesenvolvidos com a metrópole e é resultado das relações estruturais entre os dominados e o dominador. Para ele, o silêncio da sociedade-objeto, em relação à sociedade-dirigente, repete-se dentro da própria coletividade, pois suas elites tendem a ser a se calar, em relação à metrópole, e fazem emudecer a voz do povo. Contextualizando o período analisado (início da década de 1960), o autor critica o governo do populismo, afirmando que esse tipo de governo vê-se obrigado a praticar uma política contra o imperialismo e, ao mesmo tempo, a manter a cultura do silêncio, no interior do país. Nesse período, o Presidente Jânio Quadros anunciou, em 1961, que se via obrigado a renunciar, sob pressão das mesmas forças que haviam conduzido Getúlio Vargas ao suicídio. Já o regime militar, que destituiu João Goulart, em 1964, adotou uma atitude de servilismo frente à metrópole e uma violenta imposição do silêncio dentro do país. Diante da realidade das sociedades latino-americanas, Freire afirma que a consciência dominada não conhece a realidade de maneira crítica, chamando-a de consciência semi-intransitiva. Os homens como esse tipo de consciência não

desenvolvem uma percepção estrutural que lhes possibilite relacionar as problemáticas à realidade objetiva. Com o processo de conscientização popular, vai desaparecendo a cultura do silêncio, as massas iniciam o desvelamento do que antes não viam e as elites começam a se sentir desmascaradas por essas massas. Ambas se inquietam e, para o autor, isso leva à transição de uma sociedade fechada para outra, na qual as massas se constituem em uma presença histórica. Paulo ainda reitera que essa mudança na sociedade fechada é acompanhada do populismo como sua expressão, mas o considera uma liderança que manipula as massas por não poder influenciar as elites. Porém, esse populismo é também fator de mobilização democrática e a transição abre espaço para o povo se conscientizar do seu estado de dependência. Nesse sentido, a ascensão de um grande número de pessoas converte-se em um novo desafio às elites e, para o autor, as sociedades, nessa fase histórica, vivem em um clima de pré-revolução no qual a contradição dialética é o golpe de Estado.

Junto à terceira palavra apresentada, 'marginalidade', Paulo Freire expõe as elevadas taxas de analfabetismo daquele período, nos países da América Latina, e destaca que os analfabetos são vistos como marginalizados. Entretanto, salienta que eles não estão fora do coletivo; são, na realidade, parte de uma estrutura social de dependência; pertencem aos grupos dominados e a alfabetização seria apenas uma maneira de integrá-los à sociedade, contradizendo o ponto de vista dominante. Nesse trecho do livro, Freire defende a alfabetização como ação cultural para a liberdade do sujeito.

Em Linhas de ação, a segunda metade da terceira parte do livro, o educador fala a respeito de uma nova relação pedagógica, afirmando que a lógica dominante do sistema de ensino é um instrumento de se fazer aceitar e prolongar o *status quo*. Na ótica do autor, a educação não é neutra, pois todo sistema de educacional provém de uma concepção do mundo. Além disso, ele critica a visão bancária de escola, afirmando que a projeção de uma ignorância absoluta sobre os outros é característica de uma ideologia de opressão.

Nesse capítulo do livro, Freire propõe uma educação problematizadora que estimula uma ação e uma reflexão sobre a realidade. Essa educação chega a ser revolucionária, pois, além de mostrar-se uma atividade contínua e refeita pela práxis, entende que o presente é dinâmico e o futuro

indeterminado. O método educativo é o diálogo e os oprimidos devem, nesse sentido, lutar por sua liberdade, a partir da sua própria conscientização, não meramente recebendo-a de um líder revolucionário. Ainda sobre as linhas de ação, o escritor fala a respeito de ação cultural e ação pedagógica e inicia a seção discorrendo sobre uma perspectiva não-dualista entre pensamento e linguagem, que se referem à realidade do sujeito. Ele afirma que o pensamento-linguagem é autêntico se gerado em uma relação concreta do sujeito com a realidade, considerando que esse sujeito torna-se alienado em uma sociedade dependente. Desse modo, a cultura da coletividade dominada se compromete com uma aparente imitação dos modelos soberanos, pois um dos desejos de alienados é o de aparecer e não o de ser. Isso ocorre devido à interiorização de exemplos e mitos das classes dominantes, que fazem com que os subjugados se sintam inferiores.

O pedagogo nos diz que uma ação cultural que conduza a um profundo processo de compreensão jamais poderá ser desenvolvida pela direita, pois esta não é capaz de ser utópica. Nesse sentido, a conscientização implica na denúncia das estruturas injustas e não pode estar a serviço da dominação. Da mesma forma, a ação e a revolução cultural para a liberdade representam um esforço para repelir o dominante e a esquerda deve, assim, favorecer a superação da falsa consciência dos homens, em qualquer nível que ela exista. Para o autor, a conscientização é também uma defesa contra a mistificação potencial da tecnologia, nas sociedades massificadas pelo consumo, e deve ser um esforço de livrar os homens dos entraves que impedem uma percepção clara da realidade. Nesse bojo, a ação cultural situa-se contra os dominadores e a revolução cultural desenvolve-se em um regime insurgente, cuja meta é a liberdade.

A primeira edição da obra estudada, neste trabalho, foi publicada em 1979 e diz respeito às experiências pedagógicas vivenciadas por Paulo Freire, no contexto sócio histórico da década de 1960. A análise da sociedade que o autor nos traz, embora referente àquele determinado contexto, leva-nos a refletir sobre a educação e as relações de poder que a envolvem, especialmente nas sociedades latino-americanas. A pedagogia de Freire se desenvolveu no Brasil nos anos anteriores ao golpe de 1964 e seu método, apesar de eficiente na alfabetização popular, foi interrompido e considerado

uma ameaça, pelo alto grau revolucionário e pela capacidade de mexer com questões estruturais da sociedade. Esta resenha foi escrita no ano de 2018, dois anos após o golpe de 2016, e é interessante e, ao mesmo tempo chocante, observarmos que, apesar das diferenças históricas, muitos dos argumentos usados, naquele período, contra esse grande educador brasileiro, estão sendo aplicados atualmente por aqueles que temem qualquer possibilidade de transformação social. Apesar das forças sociais contrárias, que Paulo Freire continue nos inspirando a pensar uma educação libertadora!

Referência

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez, 2017.